



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

Kobelinski, Michel

O inventário das curiosidades botânicas da Nouvelle France de Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1744)

História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 20, núm. 1, enero-marzo, 2013, pp. 13-27

Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138073002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O inventário das curiosidades botânicas da *Nouvelle France* de Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1744)

The inventory of botanical curiosities in Pierre-François-Xavier de Charlevoix's Nouvelle France (1744)

Michel Kobelinski

Professor do Departamento de História/
Universidade Estadual do Paraná.
Praça Coronel Amazonas, s/n
84600-000 – União da Vitória – Paraná – Brasil
mkobelinski@gmail.com

Recebido para publicação em julho de 2011.
Aprovado para publicação em dezembro de 2011.

KOBELINSKI, Michel. O inventário das curiosidades botânicas da *Nouvelle France* de Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1744). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, jan.-mar. 2013, p.13-27.

Resumo

Verifica a extensão dos aportes botânicos de Pierre-François-Xavier de Charlevoix em *Histoire et description générale de la Nouvelle France* em relação a trabalhos de pesquisadores anteriores, suas valorações das representações iconográficas e discursivas e aplicabilidade no projeto de colonização francesa. Investiga-se o que o levou a preterir o modelo taxionômico de Lineu e o que pretendia com seu catálogo de curiosidades botânicas. O desenlace de sua trajetória filosófico-religiosa permite compreender seu posicionamento no quadro de classificação da natureza, os sentidos das informações etnológicas, as formas de apropriação intelectual e os usos da iconografia botânica e do discurso como propaganda político-emotiva para incentivar a ocupação colonial.

Palavras-chave: história do Canadá; história e sensibilidades; história e natureza; Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1682-1761); botânica.

Abstract

The article explores the botanical contributions of Pierre-François-Xavier de Charlevoix's book Histoire et description générale de la Nouvelle France vis-à-vis the contributions of previous researchers, his use of iconographic and discursive representations and its relevance to the project of French colonization. It investigates why he refused Linnaeus' taxonomic model and what he intended with his catalogue of botanical curiosities. The unfolding of his philosophical and religious trajectory allows to understand his stance regarding the classification of nature, the meanings of ethnological information, his forms of intellectual appropriation, and his use of discourse and botanical iconography as political and emotional propaganda to encourage colonial settlement.

Keywords: history of Canada; history and sensibilities; history and nature; Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1682-1761); botany.

Classificar ou sepultar espécies?

Ao estudar as personalidades da história americana, William Allen (1832, p.45) reconheceu a importância da obra do jesuíta Pierre-François-Xavier de Charlevoix (1682-1761): “seu trabalho foi bem recebido; a história da Nova França ou Canadá é valiosa pelo fato de o autor visitar o país descrito e valorizar os costumes indígenas”.¹ Entretanto, também criticou desmedidamente o conhecimento botânico do religioso ao afirmar que sua abordagem e seu estilo eram deficientes e imprecisos. A crítica de Allen teria sentido se o método de classificação das espécies adotado por Charlevoix aparecesse em uma obra do início do século XIX, quando o sistema de categorização binária de Lineu (1707-1778) já estava consagrado. Esse grande avanço da biologia do século XVIII consistia na classificação binomial de espécies de plantas ou animais pelo gênero e sua descrição com termos em latim ou latinizados (gênero e espécie).

No início do século XVIII, as obras de Lineu *Systema naturae* (1735) e *Fundamenta botanica* (1736) causaram profundo impacto e oposição. Veja-se, por exemplo, o peso da filosofia mecanicista. Sua inspiração antirreligiosa e empirista fez florescerem as ciências naturais. No entanto, logo em seguida o modelo de classificação de espécies de Lineu foi refutado, pois não conduzia a uma interpretação mais consistente da natureza, ou seja, das relações entre as formas e as funções dos seres vivos (Castañeda, 1995, p.35). Entre outras razões para contestar o método binário estavam a rigidez de uma interpretação taxionômica que via a natureza de forma fixa e o impacto científico, moral e religioso que cercava o estudo das plantas a partir da sexualidade. A classificação anterior, na qual se fundamentava Charlevoix, valorizava as formas da natureza. Desse modo, era surpreendente alterar a ordem natural das coisas, principalmente quando as discussões colocavam em lados opostos religião e ciência.

No século XIX, a classificação binária era amplamente empregada, mas não era unânime. Para Alphonse Karr, a botânica pulverizava a poesia dos nomes populares referentes às plantas. Em 1847, o escritor afirmou em seu “Les fleurs: monologue” que “os naturalistas as achatavam e as secavam. Depois as colocavam em um cemitério chamado *herbarium* e escreviam em seus epitáfios nomes pomposos em língua bárbara” (Karr, 1847, p.5). A crítica era contundente, pois aquela ciência era considerada arrogante e não fazia mais do que insultar plantas em latim e grego. Essa crítica não representava uma voz solitária no deserto. Georges-Louis Leclerc (1749, p.15), o conde de Buffon (1707-1788) entendia a história natural como um estudo “prodigioso de quadrúpedes, peixes, insetos, plantas e minerais que oferecem à curiosidade e ao espírito humano um vasto espetáculo”. Dessa maneira, também satirizou aquele método: “essa pretensão que os botânicos têm de estabelecer sistemas gerais perfeitos e metódicos é, por conseguinte, pouco fundamentada; seus trabalhos só podem conduzir a métodos defeituosos que ... se esboroam sobre os princípios da arbitrariedade” (p.18). Para Buffon, a taxionomia não poderia vir antes do conhecimento empírico da natureza, daí a necessidade de estudos detalhados de anatomia, da vida, do comportamento e da distribuição geográfica das espécies. De forma que esse tipo de estudo permitiu lançar um novo olhar para o conceito de espécie.

Os diversos sistemas de classificação provocaram inúmeros debates, contudo, aos poucos o método de Lineu se sobrepôs aos demais. A tendência nominalista da qual reclamava Buffon se estendeu para os botânicos hispano-americanos no século XVIII. Em síntese, Clément (1993) conclui que o sistema lineano de batismo vegetal inscrevia o nome do naturalista na história,

além de significar uma forma de poder. E se esse saber se colocava como único, os outros modelos de classificação utilizados pelos naturalistas latino-americanos eram simplesmente ignorados. Destarte, os naturalistas europeus desconsideraram aquelas práticas e nomenclaturas de espécies, fazendo prevalecerem as suas.

Após perfazer essa análise, questiona-se qual é o lugar de Charlevoix na polêmica da classificação das espécies. Quais seriam os motivos de uma história pautada no rigor do método e na constante busca pela verdade e uma história natural deficiente e imprópria? O que pretendia ao divulgar um catálogo de curiosidades botânicas aos seus leitores? O documento “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale” (“Descrição das plantas da América Setentrional”), parte integrante da obra *Histoire et description générale de la Nouvelle France* (História e descrição geral da Nova França) (Charlevoix, 1744, t.3) possui algumas respostas para essas inquições, pois permite apreender parte das sensibilidades consignadas à natureza canadense. Considerando a continuidade deste trabalho em outro momento, a pretensão aqui é verificar a extensão dos aportes botânicos de Charlevoix, as valorações em torno das representações iconográficas e discursivas e sua aplicabilidade no projeto de colonização francesa no século XVIII.

O modelo analógico

Inserir Charlevoix na polêmica da classificação da natureza sem entender o conjunto de sua obra ou mesmo seus propósitos não é inteiramente coerente. O objeto de sua atenção não era a botânica em si, mas a relação dos franceses com o meio natural. A opção pela classificação tradicional das plantas, isto é, pelas características externas, decorreu de seu projeto de história para o Novo Mundo, das convicções religiosas e da valorização do passado colonial. Cabe, portanto, verificar como o modelo de classificação tradicional da natureza influenciou o trabalho desse jesuíta e como ele se apropriou desse conhecimento.

Charlevoix valorizou as contribuições de Samuel Champlain (1567?-1635), de Brouage, e dos jesuítas Nicolas Denys (1598-1688) e Jacques-Philippe (Jacobs ou Iac) Cornuti (1606-1651) por entender que elas eternizavam a história da Nova França, além de apreender a realidade circundante da natureza americana com a qual ele havia mantido contato. É conveniente assinalar que a botânica surgiu adjacente à arte e à cartografia da América do Norte, no século XVI. As referências a árvores e frutas que se assemelham às da Espanha na “Carta Universal”, de 1529, por Diego Ribero, ou então os campos de milho, representados no mapa de Hochelaga, de 1556, por Giovanni Battista Ramusio são significativos. Todavia, são documentos insuficientes para fazer avançar esse saber. A inserção de imagens de plantas nos mapas, conquanto comportasse escalas diferenciadas, isto é, a das plantas e a do espaço geográfico, procurava construir uma fonte imprescindível de informações sobre o Novo Mundo (Kobelinski, 2008; Bann, 1994). Apesar disso, como veremos adiante, a representação artística das plantas foi utilizada por Charlevoix de modo a demonstrar seu conhecimento aos leitores e, com isso, se valorizar perante o público.

Para além da arte figurativa, o conhecimento da natureza se ampliou com a descrição empírico-utilitarista de mais de quarenta espécies de gramíneas, frutas, ervas, arbustos e árvores

(cedros, pinheiros, sassafrás, nozes, groselha, framboesa, milho, cânhamo, trigo, melão, pepino etc.) feita por Jacques Cartier (século XVI). Embora desprovida de ilustração, aquela narração estruturou o *Brief discours des choses remarquables que Samuel Champlain de Brouage a reconnues aux Indes Occidentales* (1599-1601). O método de classificação de Champlain se aproximava do de André Césalpin (1519-1603) e de Carolus Clusius (1526-1609), daí o caráter distintivo entre árvores e arbustos, o interesse pelas frutas, seus formatos, cores, polpas, propriedades gustativas, medicinais e cosméticas. Essas narrativas e imagens de plantas envolveram duas ordens de saber: “aquela das observações e aquela das similaridades com a tradição iconográfica do século XVI” (Doyon, 2008, p.12).

Contudo, a obra do jesuíta Denys *Description géographique et historique des costes de l’Amérique septentrionale* (1672), traduzida para o inglês em 1677 com o título de *The description and natural history of the coasts of North America*, é significativa; não só por tratar das plantas da América a partir do interesse econômico – elas foram comparadas com as da França por seu sabor, cor e caroço –, mas também por fortalecer a concepção de que a forma física das plantas tinha relação direta com as suas propriedades.

Antes de Denys, várias obras trataram da botânica na Nouvelle France; entre elas, figuram a de André Thévet, *Les singularitez de la France Antarctique* (1536); Gabriel Sagard, *Le grand voyage au pays des Hurons* (1632); e Cornuti, *Canadensium plantarum, aliarumque nondum editarum historia...* (1635). De qualquer modo, é preciso assinalar que a doutrina das assinaturas, preconizada pelo médico, filósofo e alquimista suíço Paracelso, pressupunha a relação entre as formas, cores e virtudes das plantas com os órgãos do corpo humano (Figura 1). Na Idade Média, os textos sobre botânica eram acompanhados de ilustrações fantasiosas como as da mandrágora, cuja estrutura e propriedades eram associadas ao corpo humano. Além disso, correlacionavam-se propriedades e usos terapêuticos. Dizia-se que eram as drogas preferidas das feiticeiras, pois serviam como filtro amoroso e anestésico (Collins, 2000, p.112) e que “as folhas em forma de coração podiam curar os problemas

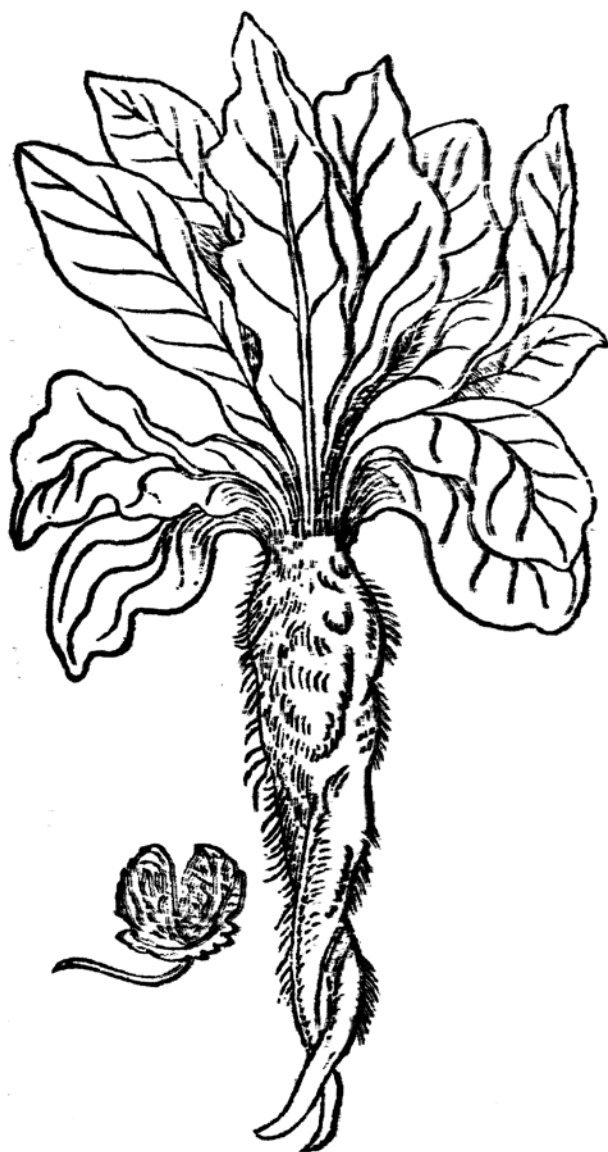


Figura 1: *Mandragora mas* (Dioscórides, 1553, p.273)

cardíacos, a seiva amarela de certas plantas aliviava a icterícia etc.” (Le Pan, 2007, p.15). Aliás, se na segunda metade do século XVII os botânicos priorizavam o estudo das formas da natureza e se afastavam dos simbolismos e das “virtudes químicas” das plantas, Denys percebeu que essas duas perspectivas poderiam ser ajuizadas conjuntamente. E, de fato, a tendência parece-me significativa, uma vez que as análises de Charlevoix as perpetuaram em seu trabalho.

Os fins práticos em torno das plantas são expressivos: os usos medicinais, o incremento na culinária e as inovações na manufatura fazem parte de um conhecimento que incorporou a experiência e a observação. Porém, o conhecimento científico interpretava a natureza de forma distinta da religião. Talvez esse seja o maior dilema de Charlevoix, pois abandonar os princípios religiosos e um saber por analogia não teria sentido ao seu empreendimento científico-personalista, o qual queria levar à frente a qualquer custo. Assim, “os textos mais antigos testemunham um velho modo do saber por analogia” e “semelhança entre as coisas”, cujos resultados eram palpáveis e, portanto, justificáveis ao olhar de Charlevoix, “... ao contrário dos outros procedimentos que se preocupavam ... mais com as medidas exatas e a configuração geométrica” (Gagnon, 1994, p.11). Sem esse conhecimento que se justificava pela

observação era “inútil deter-se na casca das plantas para conhecer sua natureza; é preciso ir diretamente às suas marcas” (Foucault, 1990, p.43).

A contribuição do jesuíta e médico Cornuti – *Canadensium plantarum...* (1635) – caiu nas graças de Charlevoix por vários motivos (Figura 2). Além de Cornuti ter realizado uma compilação, ele reconstituiu a distância uma história botânica de espécies transmigradas que se encontravam nos principais jardins franceses da época. Nesses estudos, a descrição e a representação artística parecem ir em uma mesma direção, ou seja, caracterizam-se pela observação e pelo detalhamento. O padre Charles Plumier também valorizou o estudo pioneiro que Cornuti realizou “nos jardins de Vespesiano e de Jean Robin”, a ponto de homenageá-lo na classificação botânica a um gênero de plantas (*Cornutia*) da família das verbenáceas (Dictionnaire des Sciences..., 1821, p.333).

Cornuti valorizou os textos de viagens e comentários produzidos entre os séculos X e XII, além de textos clássicos que marcaram o conhecimento botânico



Figura 2: Planta canadense (Cornuti, 1635, p.9)

da Antiguidade até o Renascimento. Diga-se de passagem que os estudos empírico-filosóficos de Teofrasto (Tirtamo – 372 a.C.-287 a.C.) – discípulo de Aristóteles que escreveu *Historia plantarum* e *De causis plantaru* –, Pedâneo Dioscórides (40-80 d.C.) – médico e naturalista greco-romano, fundador da farmacognosia, que descreveu mais de seiscentas plantas e versou sobre seus fins terapêuticos na obra *De materia medica* (*Codex Vindobonensis*) – e Plínio (Gaius Plinius Secundus – 23-79 d.C.), com seus estudos sobre botânica, mineralogia, zoologia, agricultura e farmacologia – *Naturalis historia* (77-79 d.C.) –, constituíram saberes que foram incorporados e ampliados por várias culturas, entre elas a grega, a romana e a bizantina. Tratando das origens da farmacologia nas culturas clássica e medieval, Martos (2008, p.76) ressalta a influência e os acréscimos à obra de Dioscórides:

Cada cultura foi adicionando suas descobertas, descrições e experiências, ampliando o tratado original com outros estudos sobre diferentes tipos de drogas não só sobre plantas, mas também sobre animais. Finalmente, a obra chegou até a Idade Média na forma de um manuscrito de medicina antiga conhecido como *Codex Vindobonensis* (Martos, 2008, p.76).

Cornuti e Charlevoix atenderam às exigências do apostolado e da observação científica. Suas concepções de botânica, provenientes do período clássico, visavam observar, descrever, coletar e comparar. Não obstante, a partir desses textos de referência era possível verificar a ocorrência de espécies em climas diferenciados dos descritos, bem como descrever aquelas que não tinham sido catalogadas. As representações iconográficas implicavam uma correspondência com o texto e a natureza que se procurava detalhar. A ênfase recaía sobre as folhas e raízes: “Cornuti mostrou, sobretudo, o aparelho vegetativo que compreende as partes aérea e subterrânea da planta. ... O aparelho reprodutor – a saber, as flores – tomou um bom lugar nas imagens, todavia o desenhista não mostra com precisão todas as suas partes” (Doyon, 1993, p.92).

O reconhecimento da ilustração botânica coincidiu com o avanço científico entre os séculos XVII e XVIII, a ponto de transformá-la em instrumento da ciência. A valorização das ciências da vida veio acompanhada dos avanços da observação (microscopia), da racionalidade das ciências da terra e o interesse pelo exotismo de plantas e animais de todo o globo terrestre, e principalmente “a valorização ética da natureza, com todo esse movimento a princípio ambíguo, pelo qual se ‘investem’ ... dinheiro e sentimento numa terra que, por longo tempo, as épocas predecessoras haviam abandonado” (Foucault, 1990, p.140, destaque do original). É nesse contexto que, segundo Foucault, se iniciaram os jogos de reconstituição; e se os contendores não abandonassem suas convicções, os conflitos permaneceriam imposteráveis. Entre eles o da teologia com a ciência, no qual o campo de batalha era o aprisionamento *versus* a libertação da natureza. Ou ainda o embate entre aqueles que consideravam a imobilidade da vida (Joseph Pitton de Tournefort, 1656-1708; e Lineu) e os que defendiam seu dinamismo (Charles Bonnet, 1720-1793; Benoît de Maillet, 1656-1738; e Denis Diderot, 1713-1784). Portanto, ao levarmos em conta o campo sangrento das ‘ideias-batalha’ e a influência de autores clássicos na composição da obra de Charlevoix, entenderemos parte de suas percepções da natureza e de seus conflitos internos.

Raridades botânicas

Não compreenderemos Charlevoix se estudarmos apenas “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale”. A atenção deve se direcionar para o conjunto de sua obra, isto é, para *Histoire et description générale de la Nouvelle France* (1744), *La vie de la mère Marie de l’Incarnation: institutrice & première supérieure des Ursulines de la Nouvelle-France* (1735), *Histoire de l’isle Espagnole ou de S. Domingue* (1730), *Histoire du Christianisme au Japon* (1728) e *Histoire du Paraguay* (1757). Os temas dessas obras são diferenciados, as ideias envolvem uma variedade de situações e contextos difíceis de captar. No entanto, essa análise permite entender melhor seu pensamento e a forma como seu conhecimento se disseminou no meio científico.

A obra principal de Charlevoix *Histoire et description générale de la Nouvelle France* levou vinte anos para ser produzida. Ela é densa e complementa os trabalhos de Champlain, Denys e Cornuti, autores que lhe serviram de inspiração. No tomo I, livros I-XII, Charlevoix apresenta a carta que enviou ao duque de Panthièvre, adverte os leitores para o conteúdo da obra e apresenta a sua versão para a história canadense (de 1477-1690). A parte que mais nos interessa é o tomo II, livros XIII-XXII, no qual o autor apresenta sumariamente descrições e representações iconográficas de 98 espécies de plantas da América do Norte. Menciona também um projeto de história para o Novo Mundo e as principais datas comemorativas entre 1248 e 1739. Mais adiante se detém na história canadense produzida entre 1690 e 1736.

Importante mesmo é a apresentação de uma lista dos autores consultados que permite ao leitor refazer o itinerário de leitura do autor. No tomo III, são apresentadas as contribuições cartográficas do engenheiro da Marinha, M. Bellin, uma dissertação sobre a origem dos povos americanos e 36 cartas endereçadas à duquesa de Lesdiguières, Gabrielle-Victoire de Rochechouart Monmartre, entre 1720 e 1723, reunidas sob um título que lembra o registro que se quer revelar de uma viagem “*Le journal historique d’un voyage fait par ordre du Roi dans l’Amérique Septentrionale*” (Charlevoix, 1744, t.3). Essa narrativa é valiosa, pois era uma saída possível para a divulgação de uma variedade de assuntos, entre eles a botânica, mas sem o formalismo científico e filosófico presente nos demais livros. Vejamos então esses espaços de consagração de ideias e curiosidades.

A classificação da natureza presente na “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale” não se ressentiu das formalidades enunciativa e classificatória. (Figura 3). Sua razão de ser opta pela continuidade metodológica a partir de uma sucessão de autores clássicos como Plínio, Dioscórides, Matthiöle (1501-1577), F. Hernandez (1517-1578), Gaspard Bauhin (1560-1624), J. Parkinson (1567-1650), Kirker (1601-1680), Cornuti, Étienne-François Geoffroy (1672-1731), J. Banister (1650-1692), Tournefort (1656-1708), Michel Sarrasin (1659-1735), Jartoux (1669-1746), Mark Catesby (1679-1749), François Lafitau (1681-1746) e J. Tennent (1725-1739). Logo, o que se identifica nessa obra é a ausência de originalidade em detrimento de uma narrativa que persevera em torno da identidade francesa nas Américas. Em certa medida, a compilação de outros autores implicava o uso de uma metodologia considerada defasada por alguns críticos. A organização do texto também pode ser considerada uma resposta à resistência aos franceses na América e às críticas que provocaram rachaduras no majestoso edifício religioso da ordem jesuítica. A obra de Charlevoix também era uma forma

de reagir ao descrédito da Companhia de Jesus e aos sucessivos ataques “até a sua supressão pelo papa Clemente XIX, em 1773” (Kobelinski, 2012, p.58).

Charlevoix não foi o único a visitar a colônia francesa na América Setentrional. E não faltam exemplos a ser citados. Michel Sarrazin, médico real e correspondente da Academia Real das Ciências, estabeleceu-se no Canadá; escreveu sobre 220 espécies de plantas, as quais enviava à França. Mais tarde, seu trabalho inédito e sem ilustrações chegou às mãos de Tournefort. Catherine Gertrude Jérémie também escreveu sobre as propriedades medicinais das plantas (1736 e 1740); e o jesuíta Lafitau, que viveu entre os iroqueses, não poupou esforços ao escrever sobre o ginseng, uma planta que se encontrava na Nova França e na China. Esses referenciais textuais e imagéticos permitiram a Charlevoix compor um quadro vivo e inestimável das curiosidades botânicas do Novo Mundo, integrando-o aos projetos histórico, missionário e pessoal: “Eis a terceira obra que apresento ao público ... minha intenção é de dar a cada parte do Novo Mundo, tudo aquilo que puder descobrir de curioso, útil e interessante” (Charlevoix, 1744, p.I). E como assegura Le Pan (2007, p.5) esses estudos permitiram conhecer melhor as plantas oriundas do Novo Mundo, ampliar o arsenal médico do rei, favorecer o mecenato, incitar a curiosidade e o avanço da botânica. Em termos práticos, esse conhecimento revelou parte dos segredos ameríndios sobre a manipulação das plantas, tanto para fins terapêuticos

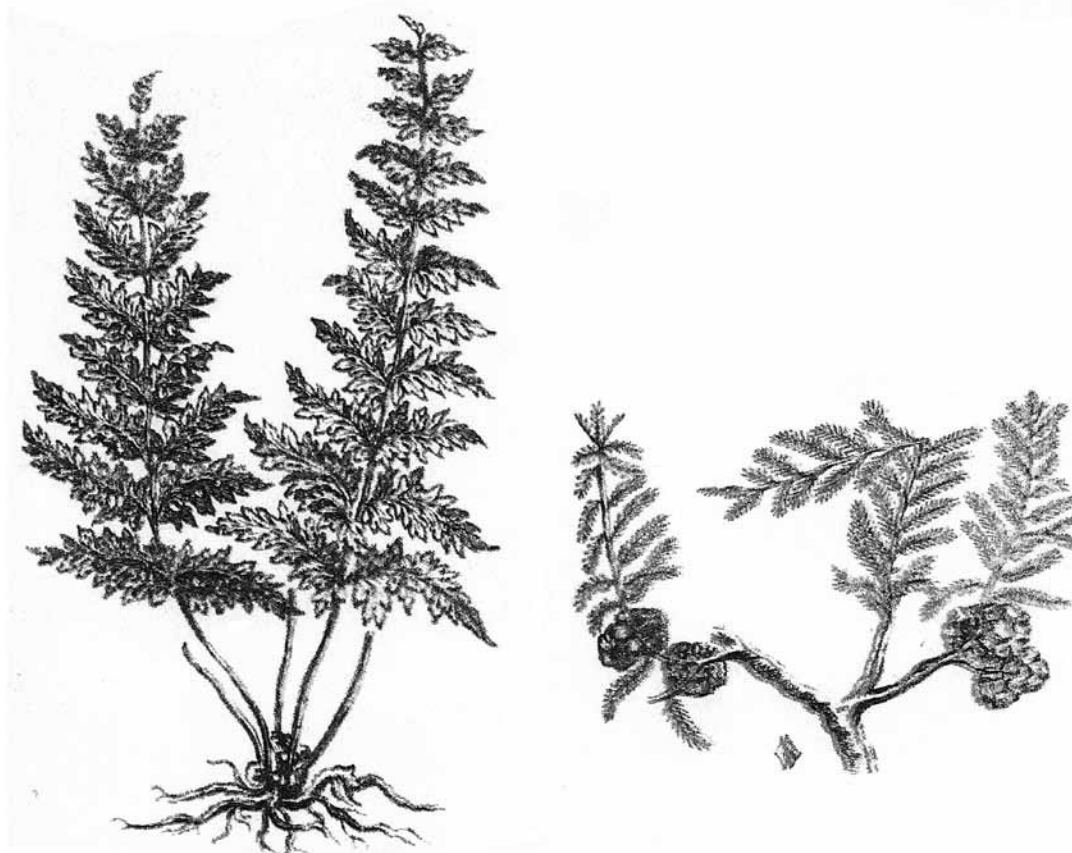


Figura 3: Cipestre da Louisiana (Charlevoix, 1744, t.2, p.3)

quanto para o consumo alimentar. E isso significava uma linha muito tênue entre a vida e a morte em um país com clima rigoroso.

A representação iconográfica das plantas e os textos que as descrevem revelam as matrizes do sistema de classificação empregado por Charlevoix. Para Doyon (1993) o estudo se concentra nas partes aérea e subterrânea das plantas – das 96 espécies vegetais arroladas, 96 foram classificadas pelas folhas, 69 pelos frutos, 56 pelas flores, 52 pelas raízes, 15 pelo interior do fruto, uma pelo interior da flor, uma pelos arbustos e uma pelas árvores. Podemos dizer que essa iconografia se aproxima da microscopia uma vez que valoriza o detalhamento, enquanto as correspondências pessoais correspondem às lembranças das paisagens florestais americanas, fruto de construções e de imaginações do autor.

Em fins do século XVII, Tournefort classificou as estruturas visíveis das plantas europeias e americanas pelo princípio comparativo na obra *Éléments de botanique ou methode pour connaître les plantes*, publicada em 1694. Daí a ênfase nas formas, cores e dimensões das plantas, método esse que vários autores incorporaram aos seus trabalhos. Charlevoix se interessou pelas flores, contudo não as detalhou como Marcello Malpighi, em *Anatome plantarum*, de 1675. Assim, as classificações das plantas são divergentes. Enquanto Lineu se concentrou no sistema reprodutivo, Tournefort separou o conhecimento botânico do saber médico. Charlevoix se afastou de ambos, trabalhando com um sistema antigo no qual a descrição vinha acompanhada de suas propriedades terapêuticas. O modelo adotado era, portanto, do início do século XVII. Notadamente, a classificação binominal de Lineu permitiu ordenar rigorosamente plantas e animais, além de inscrever definitivamente a botânica no rol das ciências da natureza. Mas o que se constata são jogos acirrados de reconstituição e interpretação da natureza.

Segundo Doyon (1993) o que chama a atenção no texto de Charlevoix (1744) é a narração. E de fato cada uma tem em vista um tipo de leitor. A erva-das-pulgas foi destacada na primeira obra pelas características tóxicas e, na segunda, pelas propriedades tintoriais. Parece que neste último caso o jesuíta não verificou essas propriedades em campo. Acontece que Charlevoix optou pela tradução e inserção do texto latino de Cornuti (1635) em sua obra – atitude condenável que traiu os princípios científicos, ao preterir suas observações pelas alheias. As bases iconográficas de Charlevoix não resistem à verificação. As semelhanças da “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale” com os trabalhos de Cornuti resultam de uma compilação de textos daquele autor (Figuras 4 e 5). Como se isso não fosse suficiente, a imitação iconográfica veio agregada (Tabela 1). Assim, o resultado é o seguinte: 36 figuras presentes na “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale” foram compiladas de *Canadensium plantarum*, uma veio de Lafitau, e 41 apresentam semelhanças com as de Catesby (*Natural History*). Constata-se, portanto, que resumos e fontes iconográficas vieram de empréstimo de Tournefort, Catesby, entre outros.

A classificação de Cornuti é significativa. Ainda mais quando as práticas médicas e botânicas se aproximaram. Nesse sentido, a busca pelas propriedades das plantas e a caracterização da forma das folhas, as raízes, a cor e o gosto são elementos vitais para a classificação. Doyon constata que Lineu publicou a obra *Auctores Botanici* (1759), na qual cita Cornuti, Catesby, Sebastian Vaillant (1669-1722) e Peter Kalm (1716-1779) e questiona o motivo da ausência de Charlevoix. A resposta de Doyon (1993, p.72) nos auxilia na questão formulada no



Figura 4: *Edera Trifolia canadensis* (Charlevoix, 1744, p.31a)



Figura 5: *Edera Trifolia canadensis* (Cornuti, 1635, p.97)

início deste trabalho. “As numerosas edições de *História* não podem deixar dúvida sobre a excelente difusão das obras de Charlevoix. É possível que o talento do historiador seja então mais conhecido que o do botânico fortemente inspirado em Cornuti e Catesby”. Apesar da nódoa na imagem, Charlevoix avançou os estudos de Cornuti, uma vez que seu olhar não se dava apenas para os jardins parisienses. Possivelmente desejava que as plantas se tornassem referenciais de memória, que, de alguma maneira permitiriam lembrar as paisagens percorridas nas imensidões da colônia francesa na América.

Figura no rol das principais obras botânicas *Natural History*, de Catesby. O método utilizado pelo naturalista inglês se assemelha ao método de John Ray (1627-1705), que preconiza a disposição das flores, o número de pétalas, a forma e a estrutura das plantas. Embora Catesby não se preocupe em detalhar todas as partes das flores, seu método serviu de base ao modelo binário lineano. Da mesma maneira, Charlevoix utiliza o método da compilação e do resumo em 41 partes do texto daquele autor. As fontes literárias e iconográficas, de origem francesa e inglesa, são amplamente apresentadas no trabalho, sendo notável a fusão dos saberes botânicos com a arte iconográfica de plantas. Ainda que existam alguns deslizes consideráveis, o cientista que representa um saber botânico e o religioso ficam evidentes no texto (Doyon, 1993, p.162).

Tabela 1: Fontes iconográficas das plantas e do texto de Charlevoix

Iconografia das plantas de Charlevoix	Figuras a comparar	Fontes literárias a comparar
Baias do sistema reprodutivo da samambaia	Cornuti, p.4 Vaillant, S.	Cornuti, p.5
Cipreste da América (<i>Cupressus disticha</i>)	Catesby t.1, p.11	Catesby, t.1, p.11
Monarda (<i>Monarda fistulosa</i>)	Cornuti, p.14	Cornuti, p.13-15
Mandrágora americana (<i>Podophyllum peltatum</i>)	Catesby t.1, p.24	Catesby, t.1, p.24
Grande tuberosa do Canadá (<i>Hesperis pinnatifida?</i>)	Cornuti, p.17	Cornuti, p.16-20
Tulipeira da Virgínia	Catesby t.1, p.48	Catesby, t.1, p.48
Selo-de-salomão (<i>Uvularia perfoliata</i>)	Cornuti, p.39	Cornuti, p.36-40
Espécie de selo-de-salomão	Cornuti, p.41 Barreliero, A.R.P.J.	Cornuti, p.36-40
Ginseng	Lafitau, 1718	Lafitau, 1718

Fonte: elaborada pelo autor com base nas fontes de compilação indicadas por Doyon (1993, s.p.)

A segunda parte do inventário das raridades da América do Norte abrange as correspondências encaminhadas à duquesa de Lesdiguières. As fontes iconográficas estão ausentes nesses documentos. Isso evidencia uma forma de personalismo complementar ao primeiro volume da obra e a manifestação de suas sensibilidades para o mundo natural. Nessas correspondências, aparecem mais de trinta nomes de plantas das setenta que aparecem na “Description des plantes principales de l’Amérique Septentrionale”.

Assim, Charlevoix discorre sobre a rede fluvial, sobre os peixes e aves do Canadá ao longo do rio São Lourenço. A diversidade florestal toma conta da narrativa; ele descreve espécies de pinheiros, cedros, carvalhos e variedades arbustivas. Também há espaço para algumas sensibilidades olfativas quando compara o cedro-vermelho e o cedro-branco: “o cedro vermelho é menor e menos robusto. A diferença mais sensível que se observa entre um e outro é que o odor do primeiro está nas folhas enquanto o odor do segundo está na madeira” (Charlevoix, 1744, p.161). Na correspondência de maio de 1721 (13^a) a narração da viagem – imediações do rio Onnontagués – revela o espanto do autor com as vinhas que quebravam a monotonia da floresta canadense. Ele se deu ao trabalho de compará-las com as do México: “estas vinhas têm os troncos robustos e muitas uvas. Mas seus grãos não ultrapassam a grossura de uma ervilha” (Charlevoix, 1744, p.205).

Em outro momento (17^a mensagem, jun. 1721), nos arredores do lago Erie (Detroit), as curiosidades transparecem novamente ao tratar dos cedros (vermelhos e brancos) e dos limoeiros. Estes últimos “têm a mesma forma e cor dos de Portugal, todavia são menores e insípidos... mesmo assim, a raiz dessa árvore é um veneno mortal e um antídoto poderoso contra a mordida de cobras. É necessário esmagá-la e aplicá-la imediatamente sobre a pele, pois é um remédio rápido e infalível” (Charlevoix, 1744, p.264). Ao analisar esses textos, notamos as preocupações daquele jesuíta com a dinâmica da natureza: “Tenho observado que todo o Canadá produz uma grande quantidade de remédios populares. ... Há aqui um tipo de terra, que junto com a doçura do clima e a liberdade ... dá lugar à crença de que as plantas têm mais força aqui do que em qualquer outro lugar”. Mas nem tudo aparenta tranquilidade, o perigo iminente pode estar diante dos indivíduos. A erva-das-pulgas era

uma dessas ameaças; dependendo da imunidade de cada pessoa, a planta causava “uma febre violenta que dura mais de 15 dias, acompanhada de uma sarna extremamente incômoda e de uma grande coceira por todo o corpo” (Charlevoix, 1744, p.263). É importante lembrar que o termo original *simples* foi traduzido como remédio popular, pois desde o século XVI tinha essa conotação; a extração comum do sumo das plantas contrapunha-se aos modos de preparação empregados pelos sábios (médicos). Diga-se de passagem, que Charlevoix tratou em *Histoire du Paraguay* de temas como mineralogia, métodos de caça, comportamento dos animais e principalmente das propriedades nutritivas da erva-mate entre os ameríndios (Kobelinski, 2010, p.10).

Nas proximidades do lago Michigan, Charlevoix informou sobre as propriedades do ginseng – *Aureliana canadensis* – (24ª carta, ago. 1721). O olhar comparativo destacou as diferenças climáticas entre o Canadá e a China na conformação dessa espécie. E não é estranha a evocação da doutrina das assinaturas quando menciona a associação entre as raízes dessa planta e o corpo humano. Como se isso não bastasse, o jesuíta ironiza o uso do ginseng pelos iroqueses: “o selvagem ... é persuadido de que a virtude dessa planta é tornar as mulheres férteis ... é o nome que [os chineses] lhe dão e que significa a semelhança com o homem” (Charlevoix, 1744, p.316). Há também uma distinção clássica entre os remédios populares dos índios – os quais não tinham ciência de todos os seus princípios – e os compostos preparados pelos médicos. Trata-se de uma forma de ressentimento que já aparecia em correspondência anterior, na qual Charlevoix acusava os índios de charlatanismo e ridicularizava os preceitos religiosos que seriam responsáveis por falsos milagres (Charlevoix, 1744, p.219).

A 23ª carta (out. 1721) trata das atividades agrícolas, das dificuldades adaptativas das plantas aos rigores do inverno canadense, da qualidade das sementes e o constante auxílio das mulheres na época de colheita, encerrada com “uma festa em agosto, com um banquete que se faz durante a noite; os grãos e outros frutos são conservados em buracos escavados na terra, os quais são forrados com casca de árvore” (Charlevoix, 1744, p.331). Fala-se também das samambaias das rochas, das sementes, da colheita do trigo, do girassol, do melão d’água, da abóbora e de diferentes tipos de legumes. Em relação ao milho, informa curiosamente sobre a acidez que provocava em algumas pessoas, além de suas peculiaridades como, por exemplo, “não é um alimento desagradável, mas muitas pessoas estão convencidas de que é melhor a demasia do que a falta” e “quando o milho está na espiga, ainda verde alguns os assam na brasa e o seu gosto é muito bom” (Charlevoix, 1744, p.331-332).

Ao que tange às informações etnográficas, essas são listadas em vários momentos. Destaca-se a 25ª carta (set. 1721), a qual informa que os índios iroqueses e huronianos extraem o sumo de plantas para tratar de fraturas, luxações, deslocamentos, ou mesmo para remover “corpos estranhos das partes feridas” (Charlevoix, 1744, p.263). Contudo, esses dados são concretizados pela inserção dos sujeitos em seus ambientes, e, nesse caso (27ª carta, out. 1721), faz nova menção à paisagem canadense: “veem-se sobre essa estrada imensos prados e pequenas árvores que parecem ser plantadas à mão” (Charlevoix, 1744, p.381). Mais adiante, na 29ª epístola (nov. 1721), considerou importante as ações humanas sobre a natureza, ressaltando os usos da nogueira na carpintaria, na medicina e na tinturaria. Essas árvores “são semelhantes às do Canadá, e as suas raízes possuem várias propriedades não observadas nas outras... são

extremamente tenras, e as suas cascas tingem de preto; porém a sua principal utilidade é na medicina. Elas param o fluxo menstrual e são excelentes vomitivos” (Charlevoix, 1744, p.407). As ações antrópicas são variadas e se destacam nas imensidões coloniais. A cultura do tabaco, do algodão e do índigo, bem como a abundância e os diversos usos das plantas (33ª mensagem, fev. 1722), é fruto dos esforços humanos no domínio da natureza. Esse predomínio abarca o conhecimento das propriedades das novas plantas. Sobre a vegetação apalachiana escreve: “é um arbusto muito pequeno, cuja folha em infusão serve como chá ... é um bom solvente e um excelente sudorífero, mas a principal qualidade é a diurética. Os espanhóis fazem grande uso em toda a Flórida, e é sua bebida comum” (Charlevoix, 1744, p.450). Assim, o mirtilo foi visto pelas propriedades miraculosas, pois “cura em pouco tempo a disenteria”, além de ser apreciado pelos indígenas pelo sabor peculiar e pelas propriedades medicinais, como, por exemplo, relaxante às parturientes (Le Pan, 2007, p.56).

Considerações finais

É notável como o jesuíta Pierre-François-Xavier de Charlevoix construiu um conjunto de sensibilidades e saberes que o projetou na sociedade francesa. Certamente sua projeção se deu mais em torno de uma escrita da história que pelos conhecimentos em botânica. Como afirmamos anteriormente, o meio natural é para esse jesuíta a base do desenrolar das ações humanas no tempo. E se o sistema de classificação da natureza adotado por Charlevoix não era considerado adequado, as motivações podem estar ligadas ao enciclopedismo e à divulgação do conhecimento, principalmente aquele baseado na observação direta, uma vez que, naquela época, havia uma intensa rivalidade entre os periódicos franceses e ingleses, os quais procuravam disseminar o conhecimento por meio da publicação de vários trabalhos. Esse ponto talvez seja o maior problema para os pesquisadores, principalmente no que concerne à institucionalização das ciências e ao seu afastamento da filosofia. Em todo caso, se o olhar de Charlevoix não é pontual, as apreensões sensíveis da paisagem canadense revelam as coisas com perspicácia e senso crítico.

Se as ações humanas estavam vinculadas à sociedade do Antigo Regime, é conveniente lembrar que o termo sensibilidade corresponde à estratificação social e aos comportamentos ligados à nobreza, honra, glória e linhagem (*Dictionnaire de l'Académie...*, 1694, p.462; 1762, p.410). Charlevoix pertencia a uma antiga nobreza que havia fornecido oficiais, vereadores e prefeitos em Saint-Quentin. Assim, a injunção social de sua família sobre a corte facilitou o seu ingresso no Collège des Bons Enfants [168?-169?] e nos quadros da Companhia de Jesus (1698). Não foi sem razão que a participação de Charlevoix no processo de formação de regentes culminou com sua nomeação para diretor daquele estabelecimento e com o aperfeiçoamento de seus estudos no Collège de Quebec (1705-1709). Com a docência (gramática, línguas, humanidades e filosofia) vieram a fama e a notoriedade. De volta à França, em 1709, foi ordenado padre e, em seguida, professor do Collège Louis-le-Grand, onde havia estudado entre 1700-1704. Posteriormente assumiu cargos importantes e manteve uma relação estreita com os sistemas de poder (Paquette, 1974, p.9). A influência de Charlevoix nos sistemas de ensino e de pensamento foi importante. Seus alunos ocuparam postos relevantes no mundo atlântico; alguns se tornaram filósofos, a exemplo de François Marie Arouet de Voltaire

(1694-1778). Suas ideias também influenciaram Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e François-René de Chateaubriand (1768-1848).

Os fatos pitorescos da história e da natureza canadense narrados por Charlevoix apareceram nos principais meios de divulgação da época: o jornal mensal *Mémoires de Trévoux*, em que preparou suas obras, e o *Journall des Savants*. No primeiro periódico, a compilação para a reedição ou mesmo a elaboração de resumos visava à disseminação de saberes. A dedicatória de Charlevoix ao duque de Panthievreh e a narrativa empregada em sua principal obra denunciavam o contato com um público mais amplo, ou seja, com os membros instruídos da burguesia e da pequena nobreza, pois isso permitia a aproximação às classes abastadas, famintas por mérito e conhecimento (Gagnon, 1994, p.25). Seu desejo era fazer uma obra deslumbrante, interessante, curiosa e útil. Para isso as memórias e as ações mais célebres deveriam provocar sentimentos de nobreza e grandeza, mesmo que suas narrativas não fossem o “melhor da história do Novo Mundo” (Charlevoix, 1744, p.1).

Charlevoix fez da *Histoire et description générale de la Nouvelle France* uma fonte inesgotável de modelos que deveriam inspirar seus leitores em busca da coragem e da virtude. Assim, a narrativa empregada procurava conciliar dois tipos de linguagens, uma popular e uma mais elaborada. Soube muito bem conciliar a ideologia cristã com o método crítico e uma visão teológica da história. Sua concepção de mundo vai além da botânica. Suas preocupações e o incentivo político-emotivo pairam sobre a exploração territorial, o aproveitamento dos recursos naturais, o estado da evangelização e da evolução administrativa, social, econômica. Tudo isso era necessário, pois a seu ver a aniquilação identitária nos territórios ultramarinos partiu da constatação do fracasso do empreendimento francês, da falta de financiamento, da ausência de socorro aos colonos, além do enfraquecimento da Companhia de Jesus.

NOTA

¹ Nessa e nas demais citações de textos em outros idiomas, a tradução é livre.

REFERÊNCIAS

ALLEN, William.
An American biographical and historical dictionary, containing an account of the most eminent persons in North America from its first settlement, and a summary of the history in the several colonies and of the United States. Boston: William & Co. 1832.

BANN, S.
As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Unesp. 1994.

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia.
História Natural e as ideias de geração e herança no século XVIII: Buffon e Bonnet. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.33-50. 1995.

CHARLEVOIX, Pierre-François-Xavier de.
Histoire du Christianisme au Japon. Paris: Librairie Eclésiastique de Russand. 1828.

CHARLEVOIX, Pierre François Xavier de.
Histoire du Paraguay. Paris: Chez Didot, Giffard, Nyon. 1757.

CHARLEVOIX, Pierre.-François.-Xavier de.
Histoire et description générale de la Nouvelle France. 3 tomos. Paris: Nyon. 1744.

CHARLEVOIX, Pierre-François-Xavier de.
La vie de la mère Marie de l'Incarnation: institutrice & première supérieure des Ursulines de la Nouvelle France. Paris: P.G. Le Mercier. 1735.

CHARLEVOIX, Pierre-François-Xavier de.
Histoire de l'isle Espagnole ou de S. Domingue. Amsterdam: François L'Honore. 1730.

CLÉMENT, Jean-Pierre.
Des noms de plantes au XVIII^{ème} siècle: espagnols e hispano-américains à l'honneur”. In: Bénassy, Marie-Cécile. Clement, Jean-Pierre.

Nouveau Monde et Renouveau de l'histoire naturelle. Paris: Presses de La Sorbonne Nouvelle. p.83-109. 1993.

COLLINS, Minta.

Medieval herbals: the illustrative traditions.

Londres: The British Library. 2000.

CORNUTI, Iac.

Canadensium plantarum aliarumque nondum editarum Historia cui adiectum est ad calcem Enchiridion Botanicum Parisiense, Continens Indicem Plantarum, quae in Pagis, Silvis, Pratis & Montosis iuxta Parisios locos nascuntur. Paris: Simonem Le Mayne. 1635.

DENYS, Nicolas.

Description géographique et historique des costes de l'Amérique septentrionale. Paris: Claude Barbin. 1672.

DENYS, Nicolas.

The description and natural history of the coasts of North America. Toronto: The Champlain Society. 1.ed., 1677. 1908.

DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE...

Dictionnaire de l'Académie Française. Paris: Chez La Veuve de B. Brunet. 1762.

DICTIONNAIRE DE L'ACADEMIE...

Dictionnaire de l'Académie Française. Paris: Chez La Veuve de Jean Baptiste Coignard. 1694.

DICTIONNAIRE DES SCIENCES...

Dictionnaire des Sciences Médicales. Biographie Médicale. Paris: C. L.F. Panckoucke. 1821.

DIOSCÓRIDES, Pedáneo.

De la matière medicale. Lyon: Balthazard Arnoulle. 1553.

DOYON, Pierre.-Simon.

La carte de Champlain: des représentations de plantes diverses et... inattendues. *Quatre-Temps*: La revue des amis du jardin botanique de Montréal, Montreal, v.32, n.2, p.12-10. 2008.

DOYON, Pierre.-Simon.

L'iconographie botanique em Amérique française du XVII au milieu du XVIII siècles. Tese (Doutorado) – Université de Montreal, Montreal. 1993.

FOUCAULT, Michel.

As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes. 1990.

GAGNON, François-Marc.

Images du castor canadien. Quebec: Éditions Septentrion. 1994.

KARR, Alphonse.

Les fleurs: monologue. In: Grandville, Jean Ignace Isidore Gérard; Karr, Alphonse. *Les fleurs animées*. Paris: Gabriel de Gonet. p.5-10. 1847.

KOBELINSKI, Michel.

A negação e a exaltação dos sertanistas de São Paulo nos discursos dos padres Pierre-François-Xavier de Charlevoix, D. José Vaissette e Gaspar da Madre de Deus (1756-1774). *História da historiografia*, Ouro Preto, n.8, p.49-69. abr. 2012.

KOBELINSKI, Michel.

La négation et l'exaltation des sertanistas de São Paulo dans les discours des pères Pierre-François-Xavier de Charlevoix, D. José Vaissette et Gaspar da Madre de Deus (1756-1774). In: Congrès du CEISAL, 6., 2010, Toulouse. *Missions et culture indigène en Amérique Latine*. v.32. p.2-22. 2010.

KOBELINSKI, Michel.

Os cronistas do Brasil e as imagens do Novo Mundo. In: Encontro de Iniciação Científica e Mostra de Pós-Graduação, 8., 2008. União da Vitória. *Anais...*, União da Vitória, v.1, p.38-50. 2008.

LECLERC, George Louis, conde de Buffon.

Histoire naturelle générale et particulière. Premier discours: de la manière d'étudier et de traiter l'Histoire naturelle. t.1, Paris: Imprimerie Royale. 1749.

LE PAN, Marie-Cristine.

La gloire de Dieu, la gloire du Roi: l'iconographie botanique em Nouvelle France. Québec: Faculté des Lettres, Université Laval. 2007.

MARTOS, Ana.

Historia medieval del sexo y del erotismo: la desconocida historia de la querella del esperma femenino e otros pleitos. Madrid: Nowtilos. 2008.

PAQUETTE, Jean-Marcel.

François-Xavier de Charlevoix ou la métaphore historienne. Contribution à une systématique du récit historiographique. *Recherches sociographiques, l'historiographie*, Quebec, v.15, n.1, p.9-19. 1974.

SAGARD, Gabriel.

Le grand voyage du pays des Hurons, situé en l'Amérique vers la mer douce, és derniers confins de la nouvelle France, dite Canada. Paris: Denys Moreau, Salamandre d'Argent. 1632.

THÉVET, André.

Les singularitez de la France Antarctique. Paris: Maisonnneuve & Cia. 1. ed., 1536. 1878.

